



**Keywords:** Nutritional labeling; Food regulation; Vegan products.

## **Introdução**

As feiras livres constituem um dos mais antigos e expressivos espaços de interação social, econômica e cultural presentes nos territórios rurais brasileiros. Estudos sobre ruralidades destacam que esses ambientes cumprem papel central na manutenção de dinâmicas comunitárias, na preservação de práticas tradicionais e no fortalecimento das economias locais, especialmente em contextos de agricultura familiar (1,2). Para além de sua função comercial, as feiras configuram-se como territórios educativos, nos quais circulam e se reproduzem saberes populares, práticas de manejo, técnicas de produção agroecológica e valores associados à organização camponesa, ao trabalho coletivo e à sustentabilidade dos modos de vida rurais (3).

No município de Solânea, situado na região do Brejo Paraibano, a feira livre representa um marco histórico e cultural, reunindo agricultores familiares, artesãos, comerciantes e consumidores em um espaço dinâmico, multifuncional e identitário. Pesquisas sobre mercados tradicionais do Nordeste apontam que tais espaços atuam como mediadores entre tradição e contemporaneidade, ao mesmo tempo em que fortalecem redes socioprodutivas essenciais para a reprodução social das comunidades rurais (4,5).

No âmbito da Educação do Campo, que reconhece os sujeitos rurais como produtores de conhecimentos legítimos e necessários à compreensão da realidade social, as feiras livres emergem como ambientes formativos privilegiados. Essa perspectiva está alinhada com os princípios da pedagogia da alternância, da educação contextualizada e das políticas públicas que visam à valorização dos saberes das populações do campo (6,7). Assim, compreender a feira como espaço pedagógico implica reconhecer sua potência educativa, uma vez que nela se materializam práticas sociais relacionadas ao cultivo, ao manejo dos recursos naturais, à comercialização dos alimentos e à construção de identidades coletivas.

A concepção freireana de educação, segundo a qual “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” (8), fundamenta a compreensão de que a feira livre constitui um território de diálogo entre conhecimentos populares e conhecimentos escolares. Ao articular esses saberes, ela amplia a capacidade dos estudantes e das comunidades de interpretar o mundo, fortalecer vínculos culturais e desenvolver uma leitura crítica da realidade. Nesse sentido, investigar a feira como ambiente pedagógico significa reconhecer que os processos educativos extrapolam os limites institucionais da escola e estão profundamente enraizados nas práticas cotidianas das populações rurais.

## **Material e Métodos**

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e descritivo. A investigação foi desenvolvida na feira livre de Solânea-PB durante três sábados consecutivos, no mês de agosto de 2024. A escolha pelo método qualitativo justifica-se pela necessidade de compreender significados, práticas e

relações sociais presentes no ambiente estudado.

A técnica central utilizada foi a observação participante, que permitiu acompanhar a dinâmica da feira, interações entre feirantes e consumidores, processos de organização das bancas e diversidade dos produtos comercializados. Para registro dos dados, foram utilizados:

- diário de campo;
- fotografias das bancas e dos produtos;
- conversas informais com feirantes;
- registros sobre presença e participação de crianças e jovens.

Os dados foram organizados em categorias temáticas relacionadas aos objetivos da pesquisa: saberes agroecológicos, práticas culturais, transmissão intergeracional de conhecimentos, relações de trabalho, e potencial pedagógico da feira.

## Resultados e Discussão

A feira livre de Solânea demonstrou ser um ambiente rico em práticas educativas que ocorrem de maneira espontânea. Observou-se que feirantes explicam aos clientes sobre o cultivo dos alimentos, formas de preparo, propriedades nutricionais e medicinais de determinados produtos. Esse processo configura uma circulação ativa de saberes tradicionais, reconhecidos como patrimônio da Educação do Campo.

A diversidade de produtos comercializados — frutas regionais, hortaliças, tubérculos, raízes, condimentos, plantas medicinais e artesanatos — reflete práticas agroecológicas utilizadas pelos agricultores locais. Identificou-se, por exemplo:

- uso de sementes crioulas;
- produção em quintais agroecológicos;
- uso de técnicas de adubação natural;
- práticas de conservação da água e do solo;
- preservação de variedades tradicionais, como macaxeira roxa, batata-do-ar, feijão-de-corda e ervas medicinais.

Essas práticas são elementos fundamentais para o currículo da Educação do Campo, podendo subsidiar atividades interdisciplinares em Ciências, Biologia, Geografia e História.

Um dos achados mais significativos foi a presença ativa de crianças e adolescentes acompanhando seus familiares nas bancas. Eles auxiliavam no atendimento, organizavam produtos, conversavam com clientes e participavam de negociações simples. Isso demonstra que a feira é também um espaço de formação ética, econômica e cultural.

Essa participação evidencia a transmissão intergeracional de valores como:

- respeito ao trabalho;
- responsabilidade;
- vínculo com a terra;
- continuidade das tradições f



A feira é também um espaço de encontro, convivência e troca simbólica. As conversas entre feirantes, a circulação de pessoas das áreas urbana e rural, e a presença de artesãos locais reforçam a identidade cultural da comunidade. Para a Educação do Campo, esse aspecto é essencial, pois fortalece a autoestima e o pertencimento comunitário dos estudantes. A partir dos dados coletados, identificaram-se diversas possibilidades de uso da feira como recurso didático:

- estudo de cadeias produtivas e economia solidária;
- análise de práticas agroecológicas;
- identificação de plantas e alimentos regionais;
- debates sobre sustentabilidade e soberania alimentar;
- vivências de educação financeira;
- projetos de pesquisa interdisciplinares;
- atividades de cultura e história local.

Desta forma, a feira livre configura-se como extensão natural da escola, enriquecendo processos de ensino e aprendizagem.

## Referências

- Abramovay R. Agricultura familiar e desenvolvimento sustentável. Porto Alegre: UFRGS Editora; 1998.
- Carneiro MJ. Ruralidade, sociabilidade e tradições. São Paulo: Contexto; 2012.
- Woortmann E, Woortmann K. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora UnB; 1997.
- Garcia Jr. AR. O Nordeste e as feiras livres: dinâmicas sociais e econômicas. Recife: EdUFPE; 2008.
- Paulino ETS. Agricultura familiar, feiras e mercados no Nordeste. Fortaleza: Edições UFC; 2015.
- Arroyo MG, Caldart RS, Molina MC, organizadores. Por uma Educação do Campo. Petrópolis: Vozes; 2004.
- Fernandes BM. Educação do Campo e políticas públicas. Brasília: INCRA; 2008.
- Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra; 1996.

